

ALOIZIO LUIZ PEREIRA COSTA

**ANÁLISE DOS BALANÇOS E RESULTADOS DOS DOIS GRANDES BANCOS
MÚLTIPLOS BRASILEIROS ENTRE 2006 E 2013: EFEITOS DA CRISE DE 2008**

**CURITIBA
2015**

ALOIZIO LUIZ PEREIRA COSTA

**ANÁLISE DOS BALANÇOS E RESULTADOS DOS DOIS GRANDES BANCOS
MÚLTIPLOS BRASILEIROS ENTRE 2006 E 2013: EFEITOS DA CRISE DE 2008**

Monografia apresentada ao Departamento de Contabilidade, do Setor de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Paraná, como requisito para obtenção do título de especialista em Controladoria.

Orientadora: Prof^a. Dr^a Márcia Maria dos Santos Bortolucci Espejo

**CURITIBA
2015**

AOS MEUS PAIS ANTÔNIO (*IN MEMORIAM*) E MARLI.
POR TODO O SUPORTE QUE ME DERAM E PELOS
VALORES QUE ME TORNARAM QUEM SOU.

RESUMO

A crise econômica de 2008, que começou nos Estados Unidos e se espalhou rapidamente pelo mundo, afetando as finanças de diversos países e empresas. O presente estudo visa pesquisar, através de demonstrações contábeis, se a crise econômica afetou os indicadores econômico-financeiros dos dois maiores bancos múltiplos em operação no Brasil, Banco Itaú Unibanco e Banco do Brasil. A análise compreende o período entre 2006 e 2013, onde se espera fazer um paralelo entre o período imediatamente anterior à crise, entre 2006 e 2008 e o período posterior, de 2009 a 2013, através de técnicas de análise, como a análise vertical e a análise horizontal e vários índices contábeis, como índices de solvência e liquidez, de capital e risco e de rentabilidade. Espera-se identificar os efeitos da crise e constatar como cada um dos bancos se comportou perante a crise.

Palavras-chave: Crise Econômica, Bancos, Itaú Unibanco, Banco do Brasil,

LISTA DE FÓRMULAS E TABELAS

FÓRMULA 1	NÚMERO-ÍNDICE.....	16
FÓRMULA 2	ENCAIXE VOLUNTÁRIO.....	18
FÓRMULA 3	LIQUIDEZ IMEDIATA.....	18
FÓRMULA 4	ÍNDICE EMPRÉSTIMOS/DEPÓSITOS	18
FÓRMULA 5	CAPITAL DE GIRO PRÓPRIO.....	19
FÓRMULA 6	PARTICIPAÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS.....	19
TABELA 1	EVOLUÇÃO DO PLE EXIGIDO PELO BACEN ÀS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS.....	21
FÓRMULA 7	INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA.....	21
FÓRMULA 8	LEVERAGE.....	21
FÓRMULA 9	RELAÇÃO CAPITAL/DEPOSITANTES.....	21
FÓRMULA 10	IMOBILIZAÇÃO DO CAPITAL PRÓPRIO.....	22
FÓRMULA 11	TAXA DE REINVESTIMENTO DO LUCRO.....	22
FÓRMULA 12	TAXA DE REINVESTIMENTO DO LUCRO.....	22
FÓRMULA 13	TAXA DE REINVESTIMENTO DO LUCRO.....	22
FÓRMULA 14	LIMITE DE EXPANSÃO.....	23
FÓRMULA 15	LIMITE DE EXPANSÃO.....	23
FÓRMULA 16	RETORNO SOBRE O PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	23
FÓRMULA 17	RETORNO SOBRE O INVESTIMENTO TOTAL.....	23
FÓRMULA 18	MARGEM LÍQUIDA.....	23
FÓRMULA 19	MARGEM FINANCEIRA.....	23
FÓRMULA 20	CUSTO MÉDIO DE CAPTAÇÃO.....	23
FÓRMULA 21	RETORNO MÉDIO DAS OPERAÇÕES DE CRÉDITO.....	23
FÓRMULA 22	LUCRATIVIDADE DOS ATIVOS.....	23
FÓRMULA 23	JUROS PASSIVOS.....	24
FÓRMULA 24	ÍNDICE DE EFICIÊNCIA OPERACIONAL.....	24
TABELA 2	CLASSIFICAÇÃO DOS DOIS MAIORES BANCOS MÚLTIPLOS DO BRASIL	27
TABELA 3	ANÁLISE VERTICAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013).....	28
TABELA 4	ANÁLISE HORIZONTAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)	29

TABELA 5	DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)	30
TABELA 6	ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013).....	30
TABELA 7	ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013).....	31
TABELA 8	ÍNDICES DE RENTABILIDADE BANCO DO BRASIL (2006 – 2013).....	32
TABELA 9	ANÁLISE VERTICAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013).....	33
TABELA 10	ANÁLISE HORIZONTAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013).....	34
TABELA 11	DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 – 2013).....	35
TABELA 12	ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013).....	36
TABELA 13	ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013).....	36
TABELA 14	ÍNDICES DE RENTABILIDADE DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013).....	37
TABELA 15	ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO.....	38
TABELA 16	ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO.....	39
TABELA 17	ÍNDICES DE RENTABILIDADE – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO.....	40

LISTA DE SIGLAS

APR	Ativo Ponderado pelo Risco
BACEN	Banco Central do Brasil
BM&FBovespa S.A	Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo
CMN	Conselho Monetário Nacional
DIEESE	Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
IE	Índice de Eficiência Operacional
ITAÚSA	Investimentos Itaú S.A
IUPAR	Itaú Unibanco Participações S.A.
PLE	Patrimônio Líquido Exigido
TRL	Taxa de Reinvestimento do Lucro

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1.2 PROBLEMA.....	11
1.3 OBJETIVOS.....	12
1.3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	12
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	12
1.4 JUSTIFICATIVA.....	12
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	14
2.1 CRISES ECONÔMICAS.....	14
2.2 INDICADORES E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DE BANCOS.....	15
2.2.1 Análise Horizontal.....	16
2.2.2 Análise Vertical.....	16
2.2.3 Solvência e liquidez.....	17
2.2.3.1 Encaixe voluntário.....	17
2.2.3.2 Liquidez imediata.....	18
2.2.3.3 Índice empréstimos/depósitos.....	18
2.2.3.4 Capital de Giro Próprio.....	18
2.2.3.5 Participação dos Empréstimos.....	19
2.2.4 Capital e risco.....	19
2.2.4.1 Índice de Basileia	20
2.2.4.2 Indicadores de análise do capital.....	21
2.2.4.3 Taxa de reinvestimento do lucro.....	22
2.2.5 Índices de Rentabilidade.....	23
3 METODOLOGIA DE PESQUISA.....	25
3.1 CLASSIFICAÇÃO DOS BANCOS MÚLTIPLOS NO BRASIL.....	25
3.2 CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DOS DOIS MAIORES BANCOS.....	26
4 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DOS DOIS MAIORES BANCOS MÚLTIPLOS BRASILEIROS.....	28

4.1 BANCO DO BRASIL.....	28
4.2 BANCO ITAÚ UNIBANCO.....	32
4.3 COMPARAÇÃO DOS ÍNDICES DE BANCO DO BRASIL X ITAÚ UNIBANCO – ANTES E DEPOIS DA CRISE DE 2008.....	38
5 CONCLUSÃO	42
REFERÊNCIAS.....	43

1 INTRODUÇÃO

1.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A história dos bancos no Brasil tem seu início ainda em 1808, mais precisamente em 12 de outubro de 1808, quando o Brasil passa a ser sede do Império Português, e o príncipe regente lusitano, D. João, cria o Banco do Brasil por meio de alvará. Desde então, o panorama do setor bancário já conviveu com os mais diversos períodos, desde o surgimento de inúmeros bancos, passou por severas crises financeiras, até a atual concentração, conforme mostra Costa (2008, p. 253):

Durante a 2ª Guerra Mundial, dobrou o número de bancos: de 354 em 1940 para 663, em 1944. A partir de então, já se trata da evolução de um sistema bancário, com um processo de concentração simultâneo ao de ampliação da rede nacional de agências. Em 1964, 20 anos depois, já tinha se reduzido para a metade (328) o número de bancos, mais 10 anos, para um terço (106). Este número se manteve até a abertura neoliberal, quando, entre 1988 e 1994, se multiplicou por quase três (271). Mas com a crise bancária, a privatização, a desnacionalização e a concentração, o setor bancário brasileiro reduziu-se para 167 bancos múltiplos e comerciais, em 2002, e, finalmente, 161 em 2006.

E diante deste contexto de concentração do setor bancário, destacam-se os dois maiores bancos múltiplos do país, Banco do Brasil e Itaú Unibanco. Os dois bancos estão inscritos junto à Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros de São Paulo (BM&FBovespa S.A.), tendo o Banco do Brasil como sua controladora a própria União Federal, enquanto que Itaú Unibanco é controlado por representantes da iniciativa privada nacional. Juntos, os dois maiores bancos múltiplos do mercado brasileiro somavam R\$ 2,33 trilhões em ativos totais em junho de 2014, o que representa cerca de 41% dos ativos totais dentre os 96 bancos comerciais em operação no Brasil (do tipo Consolidado Bancário I, segundo classificação do BACEN) e ainda, contavam com cerca de 200 mil funcionários efetivos também em junho de 2014, segundo dados do DIEESE.

Estes bancos, assim como todo o Sistema Financeiro mundial, conviveram com uma grave crise financeira internacional ocorrida em 2008, que, provavelmente, foi a maior crise do capitalismo ocorrida desde a grande depressão de 1929.

Esta crise financeira, que começou nos Estados Unidos e rapidamente se alastrou por todo o mundo, foi originada após vários anos de uma bolha especulativa no mercado imobiliário que explodiu em 2008, que, segundo Oreiro (2011), fora alimentada pela enorme expansão de crédito bancário e potencializada pelo uso de novos instrumentos financeiros. O estopim da crise foi a falência do banco de investimento Lehman Brothers no dia 15 de setembro de 2008, quando o banco central americano, *Federal Reserve*, se negou a interceder junto à instituição financeira, o que impactou fortemente a confiança dos mercados financeiros, rompendo o *mainstream* de que a autoridade monetária norte-americana iria prontamente subsidiar todas as instituições financeiras afetadas por esta crise especulativa.

E é nesse cenário que este projeto de pesquisa visa se desenvolver, buscando atestar se esta crise de 2008 realmente afetou os resultados e os Balanços Patrimoniais dos dois maiores bancos múltiplos brasileiros e traçar uma perspectiva do futuro destes bancos.

1.2 PROBLEMA

Ao se notar a grave crise financeira de 2008, iniciada nos EUA e que se espalhou pelo mundo, onde muitos bancos estrangeiros foram à falência, pergunta-se: Como os dois maiores bancos múltiplos brasileiros em ativos totais, Banco do Brasil e Itaú, se portaram no pós-crise de 2008 com relação aos seus Balanços Patrimoniais? A sua saúde financeira foi afetada pela crise? Qual a perspectiva das suas demonstrações contábeis?

1.3 OBJETIVOS

1.3.1 OBJETIVO GERAL

O objetivo central desta pesquisa é analisar como os balanços patrimoniais e demonstrações dos dois maiores bancos múltiplos brasileiros reagiram com a grande crise financeira internacional de 2008.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Diante do objetivo geral, têm-se os seguintes objetivos específicos que visam embasá-lo:

- Através de índices e análises, verificar como está a saúde financeira dos dois maiores bancos múltiplos brasileiros;
- Apontar as principais diferenças e semelhanças na gestão dos Balanços Patrimoniais dos dois principais bancos brasileiros;
- Verificar quais foram as consequências da crise financeira de 2008 nos Balanços Patrimoniais das instituições financeiras estudadas.

1.4 JUSTIFICATIVA

O estudo dos Balanços Patrimoniais dos principais bancos múltiplos brasileiros se faz extremamente necessário para dimensionar de que forma eles estavam entre 2006 e 2008, no pré-crise financeira de 2008 e como reagiram após esta grave crise, para traçar uma perspectiva com relação ao seu futuro, pois, direta ou indiretamente, a saúde financeira destes quatro grandes bancos impacta

sensivelmente a vida de milhões de brasileiros, sejam eles clientes ou colaboradores.

O trabalho desenvolvido por Gonçalves et. al (2012), exemplifica e dimensiona o estudo dos bancos frente a crise de 2008. Naquele trabalho, onde foram estudadas dez instituições financeiras em operação Brasil, chegou-se a conclusão de que o crédito no Brasil se expandiu, mesmo com a crise econômica de 2008.

No presente trabalho que será desenvolvido, busca-se ampliar o período histórico, numa análise entre 2006 e 2013 e condensando o estudo nos dois maiores bancos múltiplos, Banco do Brasil e Itaú Unibanco, para não somente se observar os efeitos da crise, mas também os desdobramentos nos anos posterior

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção visa conceituar as grandes crises financeiras, sob a ótica de diversas e divergentes escolas econômicas, bem como elencar os principais indicadores para se analisar os balanços e resultados das instituições financeiras.

2.1 CRISES ECONÔMICAS

Crises econômico-financeiras, como a que causou grandes danos em todo mundo em 2008, são objeto de estudo de grandes economistas por séculos, conforme elenca Hissa (2012).

Segundo Hissa, um dos primeiros a estudar esses efeitos foi o alemão Karl Marx, tanto em sua obra Manifesto Comunista (1848) quanto em O Capital (1867), onde o autor afirmaria que o capitalismo é responsável pelas crises econômicas e que estas faziam parte da própria essência do regime econômico. Balanco, Pinto e Milani (2004), ao estudar a obra do economista alemão, se deparam com os ciclos econômicos no sistema capitalista. Ou seja, é intrínseco ao capitalismo ter ciclos econômicos e, entre a extensão de cada ciclo, há crises econômicas. Balanco, Pinto e Milani (2004) vão além e sugerem que, segundo Marx, no capitalismo, produção, realização do excedente e acumulação do capital, ao tempo em que estão logicamente relacionados entre si, também se articulam de acordo com ritmos, volumes e proporções desiguais no tempo e no espaço, decorrendo dessa dimensão a manifestação da crise, em geral denominada de superprodução.

Para Balanco, Pinto e Milani (2004), portanto, o ciclo econômico é identificado com a dinâmica capitalista e, em sua formulação clássica, representa a constituição de um processo logicamente encadeado, transcorrido em um certo período de

tempo. Os elos dessa cadeia de fenômenos econômicos são representados por, a saber, um período inicial de ascensão, cuja marca dominante é a acumulação acelerada do capital, vindo a seguir uma segunda fase, na qual a super-acumulação passa a ser o traço dominante. O desenlace deste processo, ainda dentro da segunda fase, acontece com a abertura da crise em si mesma, qual seja, um período durante o qual haverá desaceleração da acumulação e sub-investimento.

Já para Araújo e Ferreira Jr. (2011), ao analisar a obra de Schumpeter, as crises econômicas não são homogêneas, apesar de apresentarem efeitos e eventos em comum. Ressaltam ainda que nem todas as crises, necessariamente, terão uma explicação meramente econômica; podendo resultar de catástrofes naturais que provocam a destruição de valores e, conseqüentemente, podem levar a crises econômicas.

2.2. INDICADORES E CRITÉRIOS DE ANÁLISE DE BANCOS

Assaf Neto (2012) evidencia a necessidade de comparação dos valores obtidos em determinado período ou o relacionamento destes com outros afins. Dessa forma, dois métodos de análise comparativa balanço são necessários:

- Análise Horizontal;
- Análise Vertical.

Assaf Neto (2012) divide ainda os indicadores para o estudo dos balanços e demonstrações dos bancos da seguinte forma:

- Solvência e liquidez;
- Capital e risco;

- Rentabilidade e lucratividade;

2.2.1 Análise Horizontal

Assaf Neto (2012) define análise horizontal como uma comparação que se faz entre os valores de uma mesma conta ou grupo de contas, em diferentes exercícios sociais. Em outras palavras, é a comparação temporal de uma conta, sendo obtido por meio de números-índices, conforme a fórmula 1:

$$\text{Número-índice} = \frac{V_d}{V_b} \times 100 \quad (1)$$

Assim, o número-índice é representado pela relação percentual de V_d , o valor de um item contábil selecionada, frente ao valor desse item em sua data-base, representado por V_b . Portanto, a análise horizontal é importante para se apurar a evolução temporal de certa conta ou grupo de contas.

2.2.2 Análise Vertical

Seguindo a mesma dinâmica da análise horizontal, a análise vertical também é uma forma de comparação percentual, que é dada, segundo Assaf Neto (2012), pela relação entre uma conta contábil ou grupo de contas com um valor afim ou relacionável, identificado no mesmo demonstrativo.

Assaf Neto (2012) conclui que, dispondo de valores absolutos em forma vertical, é mais simples para se identificar a participação relativa de cada item

contábil no ativo, no passivo ou na demonstração de resultados, e sua evolução no tempo.

2.2.3 Solvência e liquidez

Segundo Assaf Neto (2012), uma instituição financeira pode ser considerada solvente quando o valor de seus ativos superar o valor de seus passivos de diferentes naturezas, formando um excedente definido por patrimônio líquido. Assim, a solvência evidenciaria os recursos próprios de uma instituição oferecidos ao risco de sua atividade.

Já a liquidez, para Assaf Neto (2012), refletiria a capacidade financeira da instituição em atender prontamente toda demanda por recursos de caixa, e que a posição de liquidez revelaria, mais especificamente, a habilidade de uma instituição gerar caixa e maneira a atender adequadamente a suas obrigações financeiras.

E a partir dos conceitos de solvência e liquidez, Assaf Neto (2012) os analisa conforme os seguintes indicadores:

- Encaixe voluntário;
- Liquidez imediata;
- Índices empréstimos/depósitos;
- Capital de giro próprio;
- Participação dos empréstimos.

2.2.3.1 Encaixe voluntário

Assaf Neto (2012) sugere que o encaixe voluntário identifica a capacidade financeira imediata de um banco em cobrir saques contra depósitos a vista na data de encerramento do exercício social, de forma que, valores mais elevados de encaixe voluntário promovem maior segurança financeira à instituição, mas também comprometem aplicações rentáveis em empréstimos e financiamentos. Tal indicador é dado pela fórmula 2:

$$\text{Encaixe voluntário} = \frac{\text{Disponibilidades}}{\text{Depósitos a Vista}} \quad (2)$$

2.2.3.2 Liquidez imediata

Segundo Gonçalves et. al (2012), a liquidez imediata Identifica a preferência por investimentos que garantam uma posição favorável e solvente para enfrentar os “solavancos” do mercados e se dá pela fórmula 3:

$$\text{Liquidez Imediata} = \frac{\text{Disponibilidades} + \text{Aplicações Interfinanceiras de Liquidez}}{\text{Depósitos a Vista}} \quad (3)$$

2.2.3.3 Índice empréstimos/depósitos

Este índice corresponde à relação empréstimos *versus* depósitos, e, quanto maior for o saldo acima de uma unidade, maior será o saldo que o banco emprestou contra o que recebeu de captação. Portanto, é dado pela fórmula 4:

$$\text{Índice Empréstimos/Depósitos} = \frac{\text{Operações de Crédito}}{\text{Depósitos}} \quad (4)$$

2.2.3.4 Capital de Giro Próprio

Para Assaf Neto (2012), o capital de giro próprio indica os recursos próprios da instituição que se encontram financiando as operações ativas, sendo um parâmetro de segurança o balanço, revelando seu nível de folga financeira financiada com patrimônio líquido. É dado pela fórmula 5:

$$\text{Capital de Giro Próprio} = \text{Patrimônio Líquido} - \text{Ativo Não Circulante} \quad (5)$$

2.2.3.5 Participação dos Empréstimos

Tal índice corresponde à proporção dos empréstimos sobre o ativo total. Índices mais altos desta relação indicam baixo nível de liquidez, ao passo que, também mostram um incremento dos resultados operacionais, segundo Assaf Neto (2012). A participação dos empréstimos é dada pela fórmula 6:

$$\text{Participação dos Empréstimos} = \frac{\text{Operações de Crédito}}{\text{Ativos Total}} \quad (6)$$

2.2.4 Capital e risco

A atividade bancária é bastante afetada pela volatilidade da economia, seja por mudanças na taxa básica de juros ou demais fatores macro ou microeconômicos. Para que as instituições financeiras possam se resguardar contra estes fatores, deve-se manter um capital próprio mínimo que possa compensar o risco vinculado no meio bancário. O Acordo de Basiléia, assinado em 1988 por

grande parte das maiores economias, bem como os demais indicadores desta seção, são balizadores para se analisar a relação do capital próprio e o risco.

2.2.4.1 Índice de Basiléia

O Acordo de Basiléia, assinado no fim da década de 1980 e cujas medidas foram implantadas em seus países signatários em 1992, visava, conforme Assaf Neto (2012), estabelecer controles sobre a atividade bancária e reduzir seus riscos de insolvência. A maior preocupação deste acordo dizia respeito ao capital próprio mínimo exigido de cada instituição financeira, pois, quanto menor tal valor, maior será a alavancagem do banco e, conseqüentemente, maior risco de insolvência. O acordo indicava que os bancos deveriam manter, no mínimo, 8% do Ativo Ponderado pelo Risco (APR) pelo seu capital próprio. O Brasil passou a adotar as diretrizes do acordo em 1994, mas foi estabelecido pelo Banco Central do Brasil que o índice de capital próprio seria de 11%, ou seja, um valor ainda maior do que o estabelecido pelo acordo para diminuir a alavancagem dos bancos.

Assaf Neto (2012) cita ainda que foi firmado o Acordo de Basileia II, em 2004, que mantinha em 8% o capital próprio mínimo de segurança (ou Patrimônio Líquido Exigido), mas que passou a incluir o risco operacional das instituições. Já o Acordo de Basileia III, realizado em 2009, estipulava o Patrimônio Líquido Exigido (PLE) em 13% (sendo composto pelos mesmos 8% de APR e mais 5% de outros mecanismos de proteção).

No Brasil, o Índice de Basileia recomendado para as instituições financeiras está em transição entre o estipulado anteriormente pelo próprio BACEN (11%, maior que o indicado pelos Acordos de Basileia I e II, que previam 8%) para os 13% recomendados pelo Acordo de Basileia III. Tal transição se dará conforme a tabela

1, disponibilizada pelo Departamento de Normas do Sistema Financeiro, vinculado à Diretoria de Regulação do Sistema Financeiro do Banco Central do Brasil:

TABELA 1 – EVOLUÇÃO DO PLE EXIGIDO PELO BACEN ÀS INSTITUIÇÕES FINANCEIRAS

	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
PLE	11,00%	11,00%	11,00%	10,50% - 11,125%	10,50% - 11,75%	10,50% - 12,375%	10,50% - 13,00%

FONTE: BACEN (2013)

Portanto, para efeitos deste estudo, o Índice de Basiléia de referência serão os 11%, já que 13% serão exigidos apenas a partir de 2019.

2.2.4.2 Indicadores de análise do capital

Assaf Neto (2012) elenca quatro indicadores de análise do capital:

- Independência financeira, que se dá pela relação Patrimônio Líquido sobre Ativo Total, o que sugere a parcela do ativo financiada pelo capital próprio. É dada pela fórmula 7:

$$\text{Independência Financeira} = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Ativos Total}} \quad (7)$$

- *Leverage*, que corresponde à relação Ativo sobre Patrimônio Líquido, dada pela fórmula 8:

$$\text{Leverage} = \frac{\text{Ativo}}{\text{Patrimônio Líquido}} \quad (8)$$

- Relação Capital/Depositantes, que é composta pela fórmula 9:

$$\text{Relação Capital/Depositantes} = \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Depósitos (Passivo)}} \quad (9)$$

- Imobilização do Capital Próprio, conforme exposto na fórmula 10:

$$\text{Imobilização do Capital Próprio} = \frac{\text{Ativo Permanente}}{\text{Patrimônio Líquido}} \quad (10)$$

2.2.4.3 Taxa de reinvestimento do lucro

A taxa de reinvestimento, que pode ser caracterizada como o auto-investimento das empresas, é dado pela fórmula 11:

$$\text{TRL} = \frac{\text{Lucro Líquido} - \text{Dividendos}}{\text{Patrimônio Líquido}} \quad (11)$$

Dessa forma, o numerador indica a parcela dos resultados que ficou efetivamente na empresa, valor que será usado para o reinvestimento. Também pode ser expressa, segundo Assaf Neto (2012), pelas fórmulas 12 e 13:

$$\text{TRL} = \text{Leverage} \times \text{Retorno s/ Ativo Total} \times \text{Índice de Retenção do Lucro} \quad (12)$$

$$\text{TRL} = \frac{\text{Ativo Total}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} \times \frac{\text{Lucro Líquido} - \text{Dividendos}}{\text{Lucro Líquido}} \quad (13)$$

Assaf Neto (2012) indica que, em todas expressões, o patrimônio líquido e o ativo total devem ser usados pelos seus valores médios, sendo o patrimônio líquido deduzido do lucro líquido apurado no exercício. Quanto maior for a TRL, mais alta se apresenta a capacidade da instituição em financiar variações em seus ativos por meio de recursos próprios gerados pelas operações, exigindo-se menores necessidades de captações passivas, o que diminui o risco do banco.

Assaf Neto (2012) sugere ainda a apuração dos limites de expansão dos ativos do banco que podem ser financiados por recursos próprios, conforme as fórmulas 14 e 15:

$$\text{Limite de Expansão} = \text{TRL} \times \text{Independência Financeira} \quad (14)$$

$$\text{Limite de Expansão} = \frac{\text{Lucro Líquido} - \text{Dividendos}}{\text{Patrimônio Líquido}} \times \frac{\text{Patrimônio Líquido}}{\text{Ativo Total}} \quad (15)$$

Com o cálculo do Limite de Expansão, Assaf Neto (2012) conclui que, se o crescimento das aplicações excedê-lo, faz-se necessária uma captação de novos recursos.

2.2.5 Índices de Rentabilidade

Assaf Neto (2012) elenca algumas medidas financeiras que são base para o estudo do desempenho econômico de uma empresa, conforme as fórmulas 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22 e 23:

$$\text{Retorno Sobre o Patrimônio Líquido} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Patrimônio Líquido}} \quad (16)$$

$$\text{Retorno Sobre o Investimento Total} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Ativo Total}} \quad (17)$$

$$\text{Margem Líquida} = \frac{\text{Lucro Líquido}}{\text{Receita de Intermediação Financeira}} \quad (18)$$

$$\text{Margem Financeira} = \frac{\text{Resultado Bruto da Intermediação Financeira}}{\text{Ativo Total}} \quad (19)$$

$$\text{Custo Médio de Captação} = \frac{\text{Despesas Financeiras de Captação de Mercado}}{\text{Depósitos a Prazo}} \quad (20)$$

$$\text{Retorno Médio das Operações de Crédito} = \frac{\text{Receitas Financeiras de Operações de Crédito}}{\text{Operações de Crédito}} \quad (21)$$

$$\text{Lucratividade dos Ativos} = \frac{\text{Receitas de Intermediação Financeira}}{\text{Ativo Total}} \quad (22)$$

$$\text{Juros Passivos} = \frac{\text{Despesa de Intermediação Financeira}}{\text{Passivo Total}} \quad (23)$$

Assaf Neto (2012) destaca ainda o índice de eficiência operacional (IE), que relaciona as despesas operacionais da instituição com sua receita de intermediação financeira, conforme a fórmula 24:

$$\text{IE} = \frac{\text{Despesas Operacionais}}{\text{Receita de Intermediação Financeira}} \quad (24)$$

Segundo Assaf Neto (2012), quanto menor for o resultado deste índice, mais elevada será a produtividade, já que o banco demonstrará uma menor necessidade de estrutura operacional para manter suas atividades.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Este capítulo abordará os conceitos metodológicos que levam a classificação de bancos múltiplos, bem como os motivos que levaram à escolha dos quatro bancos deste estudo. Conforme a classificação metodológica de Longaray e Beuren (2004), o presente estudo apresenta uma natureza qualitativa, descritiva quanto aos seus objetivos e documental quanto aos Balanços Patrimoniais e Resultados dos bancos analisados.

o CLASSIFICAÇÃO DOS BANCOS MÚLTIPLOS NO BRASIL

As disposições sobre a classificação e enquadramento dos bancos múltiplos estão disponíveis na Resolução CMN 2.099, de 1994, onde informa que um banco deve ter ao menos duas das carteiras seguintes para ser considerado um banco múltiplo:

- Comercial;
- De investimento e/ou de desenvolvimento;
- De crédito imobiliário;
- De crédito, financiamento e investimento;
- De arrendamento mercantil.

A Resolução CMN 2.099/1994 orienta ainda que uma das carteiras deve ser, obrigatoriamente, ou comercial ou de investimentos; A carteira de desenvolvimento é de exclusividade dos bancos públicos e, por fim, que é vedada aos bancos múltiplos a emissão de debêntures (que são valores mobiliários emitidos por sociedades por

ações, representativo de dívida, que asseguram a seus detentores o direito de crédito contra a companhia emissora).

○ CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DOS DOIS MAIORES BANCOS

O Banco Central do Brasil (BACEN) lista em seu sítio digital, os critérios e metodologia para a escolha dos maiores bancos em atividade no Brasil, que pode ser:

- Ativo;
- Passivo;
- Resultado de Intermediação Financeira;
- Resultado Líquido;
- Parcelas de Capital.

O BACEN separa os bancos em atividade no país da seguinte forma:

- Instituições Bancárias Independentes I (BI): Instituições financeiras dos tipos Banco Comercial, Banco Múltiplo com Carteira Comercial ou Caixa Econômica que não integrem conglomerado;
- Instituições Bancárias Independentes II (BII): Instituições financeiras dos tipos Banco Múltiplo sem Carteira Comercial e Banco de Investimento, que não integrem conglomerado;
- Instituições Bancárias Independentes III (BIII): Cooperativas de Crédito;
- Instituições Bancárias Independentes IV (BIV): Instituições financeiras dos tipos Banco de Desenvolvimento, que não integrem conglomerado.

- Instituições Não-Bancárias Independentes (N): Demais instituições financeiras, exceto aquelas qualificadas como Instituições Bancárias Independentes I, II ou IV e Cooperativas de Crédito.

Há ainda, no mesmo disposto, a segregação pelo tipo de controle, se é público, privado nacional ou privado com controle estrangeiro.

Diante destas informações, foram amadurecidos os critérios para a escolha dos dois maiores bancos múltiplos brasileiros, desde que atendessem aos seguintes critérios:

- Apresentasse um dos dois maiores resultados em ativos totais em Setembro de 2014;
- Fosse um banco múltiplo que estivesse enquadrado, segundo os critérios do BACEN, no grupo de Instituições Bancárias Independentes do tipo I (BI);
- Se o seu controle estivesse a cargo da iniciativa nacional, seja ela privada ou pública.

Desta forma, chegou-se a conclusão de que os bancos múltiplos que atendem aos critérios metodológicos pré-determinados são determinados conforme a tabela 2:

TABELA 2 – CLASSIFICAÇÃO DOS DOIS MAIORES BANCOS MÚLTIPLOS DO BRASIL

Banco	Data do Balancete	Tipo do Controle	Ativos Totais
Banco do Brasil	09/2014	Público	1.326.982.264
Banco Itaú	09/2014	Privado nacional	1.069.551.529

FONTE: BACEN (2015)

4 ANÁLISE DAS DEMONSTRAÇÕES CONTÁBEIS DOS DOIS MAIORES BANCOS MÚLTIPLOS BRASILEIROS

Neste capítulo, os Balanços Patrimoniais dos dois bancos integrantes deste estudo (Banco do Brasil e Itaú Unibanco) serão analisados e comparados, bem como os seus resultados, contextualizados frente à crise econômica de 2008.

4.1 BANCO DO BRASIL

O Banco do Brasil S.A. é uma instituição financeira de economia mista, tendo como controlador a União Federal, a qual detinha, segundo o Relatório Anual de 2013, 58,3% do total de ações da companhia. Para se iniciar o estudo das demonstrações contábeis do banco, segue a tabela 3 com a Análise Vertical do período estudado:

TABELA 3 – ANÁLISE VERTICAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)

Descrição	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Ativo Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Ativo Circulante	57,5	55,5	59,4	58,7	58,6	57,5	56,5	52,3
Disponibilidades	0,9	1,1	1,0	1,2	1,1	1,1	1,2	1,6
Aplicações Interfinanceiras	17,4	19,0	15,2	13,1	23,4	20,6	12,8	9,7
Títulos e Valores Mobiliários	8,7	5,2	8,5	9,4	8,4	8,1	8,2	7,0
Operações de Crédito	14,4	15,2	17,1	15,9	15,6	15,1	18,0	18,9
Outros	16,0	15,2	17,5	19,1	10,0	12,6	16,2	15,1
Ativo Não Circulante	42,5	44,5	40,6	41,3	41,4	42,5	43,5	47,7
Ativo Realizável a Longo Prazo	40,8	42,4	38,2	38,8	39,0	40,7	41,8	45,7
Ativo Permanente	1,7	2,1	2,4	2,4	2,4	1,8	1,7	2,0
Investimentos	0,3	0,3	0,8	1,0	0,9	0,2	0,4	0,4
Imobilizado/Diferido	0,6	0,6	0,6	0,6	0,7	0,8	1,3	1,6
Intangível	0,9	1,2	1,0	0,8	0,8	0,9	0,0	0,0
Passivo Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0
Passivo Circulante	62,3	63,2	63,3	65,7	71,1	72,5	78,9	75,5
Depósitos	30,3	30,7	30,8	35,8	36,5	40,7	46,0	46,4
Captações Mercado Aberto	17,5	18,7	18,8	16,6	21,7	16,6	17,5	14,5
Obrigação para Empréstimos	1,2	1,1	1,0	0,9	0,7	1,1	0,4	0,6
Obrigação para Repasses	2,5	1,5	1,8	2,7	1,8	2,6	3,2	3,3
Outros	10,8	11,1	10,8	9,7	10,4	11,5	11,8	10,8
Passivo Não Circulante	32,2	31,5	30,8	28,1	23,8	21,7	14,5	17,5

Patrimônio Líquido	347,9	296,3	281,4	243,0	174,0	144,2	116,9	100,0
---------------------------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------	-------

FONTE: FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO DO BRASIL (2006 - 2013)

A Demonstração do Resultado do Banco do Brasil é notada através da tabela 5:

TABELA 5 – DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)

Demonstração do Resultado	31/12/2013	31/12/2012	31/12/2011	31/12/2010	31/12/2009	31/12/2008	31/12/2007	31/12/2006
<i>Receitas de Intermediação Financeira</i>	115.337.095	107.150.842	103.329.631	81.685.766	65.729.138	57.115.713	40.773.097	37.147.379
<i>Despesas de Intermediação Financeira</i>	-86.626.510	-77.095.973	-75.816.567	-56.124.231	-47.496.279	-44.296.320	-25.618.358	-26.339.069
<i>Resultado Bruto de Intermed. Financeira</i>	28.710.585	30.054.869	27.513.064	25.561.535	18.232.859	12.819.393	15.154.739	10.808.310
<i>Outras Receitas/Despesas Operacionais</i>	-14.090.646	-12.828.097	-9.006.297	-7.151.340	-4.641.058	-1.149.919	-7.881.332	-4.611.895
<i>Resultado Operacional</i>	14.619.939	17.226.772	18.506.767	18.410.195	13.591.801	11.669.474	7.273.407	6.196.415
<i>Resultado não Operacional</i>	10.176.139	1.209.972	225.352	370.349	1.843.628	412.544	280.968	120.041
<i>Resultado antes IR e Participações</i>	24.796.078	18.436.744	18.732.119	18.780.544	15.435.429	12.082.018	7.554.375	6.316.456
<i>IR e Contribuição Social</i>	-5.993.494	-4.240.584	-4.722.455	-5.321.189	-3.902.787	-2.145.116	-1.847.035	504.148
<i>Participações nos Lucros</i>	-2.204.278	-1.835.262	-1.790.543	-1.756.190	-1.384.531	-1.134.068	-649.221	-776.827
<i>Participação dos Não Controladores</i>	-840.369	-155.778	-93.131	20	-589			
<i>Lucro Líquido</i>	15.757.937	12.205.120	12.125.990	11.703.185	10.147.522	8.802.869	5.058.119	6.043.777

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO DO BRASIL (2006 - 2013)

Com exceção do ano de 2007, que foi imediatamente anterior ao ano da crise econômica global, o lucro líquido da instituição financeira seguiu numa crescente em todos os anos posteriores à crise. Tendência semelhante ocorreu com o Resultado Bruto de Intermediação Financeira, que retrocedeu entre 2007 e 2008, subiu novamente de 2009 a 2012, mas decresceu em 2013. O resultado operacional, por sua vez, cresceu em todos os anos até 2011, quando passou a não ter o mesmo ímpeto e vindo por cair em 2012 e 2013.

É possível perceber a evolução dos índices de solvência e liquidez através da tabela 6:

TABELA 6 – ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)

Solvência e Liquidez	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Encaixe voluntário	0,16	0,16	0,16	0,15	0,14	0,11	0,08	0,12
Liquidez Imediata	3,20	3,10	2,84	1,85	3,12	2,41	1,08	0,84
Empréstimos/Depósitos	1,42	1,33	1,25	1,09	1,01	0,90	0,82	0,83
Capital de Giro Próprio	-482.551.994	-449.556.685	-339.868.418	-284.236.359	-257.462.556	-191.595.686	-135.634.687	-120.616.730
Participação dos Empr.	0,43	0,41	0,39	0,39	0,37	0,37	0,38	0,38

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO DO BRASIL (2006 - 2013)

O encaixe voluntário permaneceu baixo em toda a série histórica; a liquidez imediata, com exceção do exercício de 2006, sempre foi superior a 1, o que é favorável se ocorresse uma eventual retirada maciça das contas correntes, por exemplo. Inclusive, a liquidez imediata subiu exponencialmente do ano em que ocorreu a crise para 2009, o que também coíbe os efeitos da crise; A relação empréstimos x depósitos, com exceção ao ano de 2008, seguiu num ritmo crescente, ultrapassando, inclusive, a relação de 1/1, o que pode indicar maiores receitas com juros para o banco; a relação negativa do capital de giro próprio cresceu, e a participação dos empréstimos frente aos ativos totais sempre permaneceu próximo aos 40%, sendo baixo até certo ponto, mas mostrando liquidez nos ativos da empresa mista.

Os índices de capital e risco podem ser observados na tabela 7:

TABELA 7 – ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO DO BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)

Capital e Risco	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Índice de Basileia	14,53	14,83	13,98	14,08	13,82	15,15	15,60	17,29
Independência Financ.	0,06	0,05	0,06	0,06	0,05	0,06	0,07	0,07
Leverage	18,05	18,69	16,80	16,08	19,62	17,41	15,14	14,28
Capital/Depositantes	0,18	0,17	0,19	0,17	0,14	0,14	0,14	0,15
Imob. Capital Próprio	0,31	0,38	0,40	0,39	0,47	0,32	0,26	0,28
TRL	0,13	0,12	0,12	0,14	0,17	0,18	0,13	0,17
Limite de Expansão	0,00723	0,00634	0,00737	0,00863	0,00859	0,01013	0,00826	0,01224

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO DO BRASIL (2006 - 2013)

O Índice de Basileia apresentado foi calculado nos relatórios anuais do banco. Mesmo com a queda após o ano da crise econômica, os demonstrativos do índice permaneceram acima tanto do mínimo exigido pelo BACEN, 11%, quanto pelo proposto pelo Acordo de Basileia III, 13%, em todo o período analisado; a independência financeira, por sua vez, se configurou bastante baixa durante todo o período, inclusive antes de 2008, o que não corrobora eventuais efeitos da crise. A relação capital/depositantes não ultrapassou os 19% durante a série histórica, o que apenas confirma a dependência financeira da instituição. A imobilização sobre o capital próprio teve um avanço significativo entre 2008 e 2009, mas recuou nos anos seguintes, chegando a índices inferiores ao pré-crise no ano de 2013, o que dissipa

novamente os efeitos da crise. A Taxa de Reinvestimento do Lucro caiu a partir de 2009, mas passou a se estabilizar por volta de 12 a 13%, ainda num patamar considerável, já que mais de 10% do lucro líquido médio volta para ser reinvestido na empresa. O limite de expansão da empresa sofreu uma queda significativa após 2008, mas queda semelhante já havia acontecido em 2006, o que não configura efeito direto da crise nesta queda.

Quanto aos índices de rentabilidade, seguem na tabela 8:

TABELA 8 – ÍNDICES DE RENTABILIDADE BANCO DO BRASIL (2006 – 2013)

Rentabilidade	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Retorno sobre o PL	0,22	0,20	0,21	0,23	0,28	0,29	0,21	0,29
Retorno Invest. Total	0,012	0,011	0,012	0,014	0,014	0,017	0,014	0,020
Margem Líquida	0,14	0,11	0,12	0,14	0,15	0,15	0,12	0,16
Margem Financeira	0,022	0,026	0,028	0,032	0,026	0,025	0,041	0,036
Custo Médio Captação	0,23	0,20	0,20	0,19	0,16	0,17	0,21	0,22
Retorno Médio das Operações de Crédito	0,13	0,15	0,16	0,16	0,15	0,17	0,18	0,19
Lucratividade dos Ativos	0,09	0,09	0,11	0,10	0,09	0,11	0,11	0,13
Juros Passivos	0,07	0,07	0,08	0,07	0,07	0,08	0,07	0,09
Índice de Eficiência	0,12	0,12	0,09	0,09	0,07	0,02	0,19	0,12

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO DO BRASIL (2006 - 2013)

No Retorno sobre o Patrimônio Líquido, já havia ocorrido decréscimo acentuado entre os exercícios de 2006 e 2007. Do ano da crise para 2009, o índice praticamente ficou estável, e a frente caiu novamente, mas, ainda assim, superior a 20%; panorama semelhante ocorreu com o Retorno Sobre o Patrimônio Líquido e sobre a Margem Líquida, onde houve queda considerável de 2006 para 2007, um acréscimo em 2008, e novas quedas mais acentuadas apenas a partir de 2011, período mais distante da crise, portanto; a Margem Financeira teve um decréscimo significativo em 2008, mas que veio por se recuperar nos dois anos seguintes, novamente não mostrando indícios da crise.

4.2 BANCO ITAÚ UNIBANCO

O banco Itaú Unibanco é resultado de uma fusão ocorrida em 2008 entre dois grandes bancos com controladores nacionais, o Itaú e o Unibanco. Segundo Relatório Anual de 2013, o primeiro iniciou as suas operações na capital paulista em 1945, ao passo que o segundo foi fundado na cidade mineira de Poços de Caldas em 1924. Segundo o mesmo relatório, em 31 de janeiro de 2014, quase 45% do capital acionário da empresa pertencia à IUPAR – Itaú Unibanco Participações S.A. (25,54% do total de ações) e à ITAÚSA – Investimentos Itaú S.A. (ou cerca de 19,37% das ações).

Com relação a esta fusão, vale destacar que o então Ministro da Fazenda brasileiro na época, Guido Mantega, em entrevista a diversos membros da imprensa nacional, contextualizou com a crise econômica do mesmo ano, afirmando que a fusão seria importante, pois daria maior liquidez ao sistema bancário.

No que tange aos seus demonstrativos patrimoniais, segue a tabela 9 que mostra a Análise Vertical do Balanço Patrimonial do banco entre 2006 e 2013:

TABELA 9 – ANÁLISE VERTICAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013)

Descrição	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Ativo Total	100	100	100	100,0	100,0	100	100	100,0
Ativo Circulante	72,3	73,2	73,1	75,1	74,4	76,5	77,3	75,8
Disponibilidades	1,5	1,4	1,2	1,3	1,7	2,5	1,5	1,6
Aplicações Interfinanceiras	14,4	17,9	13,3	11,4	21,9	18,9	18,7	14,2
Títulos e Valores Mobiliários	20,2	20,0	17,3	20,8	15,7	17,1	18,0	17,5
Operações de Crédito	19,8	19,1	21,2	21,1	23,1	23,1	23,7	24,5
Outros	16,4	14,8	20,0	20,5	12,0	14,9	15,5	17,9
Ativo Não Circulante	27,7	26,8	26,9	24,9	25,6	23,5	22,7	24,2
Ativo Realizável a Longo Prazo	26,1	25,5	25,5	23,4	23,9	21,9	21,4	22,0
Ativo Permanente	1,6	1,3	1,4	1,5	1,7	1,6	1,3	2,2
Investimentos	0,3	0,3	0,3	0,4	0,4	0,4	0,4	1,0
Imobilizado/Diferido	0,8	0,6	0,6	0,6	0,7	0,6	0,9	1,2
Intangível	0,5	0,5	0,4	0,4	0,6	0,6	0,0	0,0
Passivo Total	100	100	100	100	100	100	100	100,0
Passivo Circulante	54,7	53,7	49,5	53,3	53,6	55,9	58,7	56,5
Depósitos	18,9	17,3	18,7	18,6	20,0	19,7	25,4	26,9
Captações Mercado Aberto	15,7	17,6	9,6	16,3	14,5	13,5	13,2	9,0
Obrigação para Empréstimos	2,3	1,9	2,1	1,6	1,4	2,8	2,7	1,5
Obrigação para Repasses	1,2	1,2	1,3	1,3	1,0	0,9	0,7	0,7
Outros	17	15,8	17,8	15,6	16,6	19,0	16,6	18,3
Passivo Não Circulante	38	38,9	42,1	38,6	38,1	37,2	31,5	32,2
Exigível a Longo Prazo	37,7	38,7	41,7	38,0	37,5	36,8	30,7	31,6

Depósitos	6,0	6,7	9,8	8,4	11,3	12,7	2,3	2,2
Captações Mercado Aberto	10,7	10,9	12,6	10,3	7,2	6,0	8,8	9,7
Obrigações para Empréstimos	0,7	0,4	0,4	0,5	0,6	1,0	0,9	0,9
Obrigações para Repasses	2,7	2,4	2,9	2,9	2,7	2,0	1,3	1,8
Outros	17,6	18,4	16,2	15,9	15,7	15,1	17,5	16,8
Resultado de Exercícios Futuros	0,1	0,1	0,1	0,1	0,0	0,0	0,0	0,0
Partic. Minoritárias nas Controladas	0,2	0,1	0,3	0,5	0,6	0,4	0,7	0,6
Patrimônio Líquido	7,3	7,3	8,4	8,1	8,3	6,9	9,8	11,2

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Como a fusão de Itaú e Unibanco se deu em 2008, no mesmo ano da crise econômica, portanto, a análise anterior a 2008 se deu com os dados contábeis apenas do Itaú, já que se configuraria o principal controlador do novo conglomerado bancário.

Com essa nova realidade, percebeu-se grande volatilidade em alguns índices, como, por exemplo, as disponibilidades, que caíram quase um terço entre 2008 e 2009 e continuaram a cair tanto em 2010 quanto em 2011, mas o que pode ser identificado não pelos efeitos da crise, mas por consequências da própria fusão.

É possível verificar a análise horizontal do banco através da tabela 10:

TABELA 10 – ANÁLISE HORIZONTAL DO BALANÇO PATRIMONIAL DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013)

Descrição	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Ativo Total	1.512	1.003	842	358,4	290,1	602	275	100,0
Ativo Circulante	503,1	467,0	391,8	355,1	284,8	306,6	143,4	100,0
Disponibilidades	488,8	411,8	313,5	297,7	312,4	467,3	126,4	100,0
Aplicações Interfinanceiras	532,7	609,2	381,2	287,3	446,1	403,4	184,9	100,0
Títulos e Valores Mobiliários	609,1	553,7	402,5	425,1	259,6	297,8	144,3	100,0
Operações de Crédito	426,0	376,0	351,0	309,1	273,6	286,2	136,0	100,0
Outros	483,1	399,1	452,6	408,7	194,5	251,8	121,3	100,0
Ativo Não Circulante	1.008	536,4	450,4	368,6	306,5	295,4	131,9	100,0
Ativo Realizável a Longo Prazo	624,8	561,0	469,3	381,4	314,6	302,1	136,6	100,0
Ativo Permanente	383,6	288,2	259,7	239,4	224,5	227,4	85,0	100,0
Investimentos	171,1	657,2	135,1	161,7	108,8	112,3	62,7	100,0
Imobilizado/Diferido	327,5	220,1	209,0	186,1	169,3	156,7	102,4	100,0
Intangível								
Passivo Total	3.018	2.770	406,0	358,4	290,1	303,9	140,6	100,0
Passivo Circulante	510,1	459,9	355,7	338,0	274,9	300,5	146,0	100,0
Depósitos	369,4	311,1	282,4	247,2	216,0	222,0	132,7	100,0
Captações Mercado Aberto	919,9	943,3	432,3	647,0	467,2	456,1	205,4	100,0
Obrigações para Empréstimos	801,6	587,2	558,3	373,1	264,3	558,1	250,7	100,0
Obrigações para Repasses	834,1	774,5	720,8	637,9	389,8	359,4	139,9	100,0
Outros	552,1	529,2	394,0	304,3	263,1	315,4	127,8	100,0
Passivo Não Circulante	2.164	1.995	530,2	428,9	342,8	351,1	137,3	100,0

Exigível a Longo Prazo	629,7	593,6	536,8	431,4	344,3	354,2	136,9	100,0
Depósitos	1.395,7	1.431,7	1.763,2	1.338,4	1.459,1	1.714,1	141,3	100,0
Captações Mercado Aberto	578,3	540,1	524,0	378,1	213,1	186,3	126,6	100,0
Obrigação para Empréstimos	399,6	213,0	161,7	185,7	195,2	317,1	133,3	100,0
Obrigação para Repasses	794,5	635,5	641,6	575,9	430,5	340,3	104,4	100,0
Outros	552,1	-2.227	389,8	339,1	270,2	273,2	145,9	100,0
Resultado de Exercícios Futuros	1.386,8	1.401,5	1.030,4	943,7	238,7	284,8	90,6	100,0
Partic. Minoritárias nas Controladas	147,0	69,7	165,2	271,3	273,4	194,5	163,8	100,0
Patrimônio Líquido	343,8	315,0	302,8	258,3	215,1	185,3	122,9	100,0

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Fica bem nítido na análise horizontal perceber os efeitos da fusão no balanço do banco. O ativo total, inclusive, chegou a sofrer brusca retração em 2009, assim como vários outros itens contábeis, como o ativo circulante e os investimentos. Como contraponto, o Patrimônio Líquido veio a crescer mesmo no decorrer do processo de fusão, continuando tal ritmo nos anos posteriores. Nos anos seguintes, as demais contas voltaram a crescer, não apresentando indícios da crise.

A Demonstração do Resultado do Itaú Unibanco pode ser verificada através da tabela 11:

TABELA 11 – DEMONSTRAÇÃO DO RESULTADO DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 – 2013)

Demonstração do Resultado	31/12/2013	31/12/2012	31/12/2011	31/12/2010	31/12/2009	31/12/2008	31/12/2007	31/12/2006
<i>Receitas de Intermediação Financeira</i>	93.821.387	99.878.400	101.366.445	79.626.922	76.727.739	56.431.023	32.129.740	29.740.487
<i>Despesas de Intermediação Financeira</i>	-62.296.772	-68.744.227	-68.531.193	-44.890.679	-44.746.329	-46.009.262	-16.653.254	-17.210.791
<i>Resultado Bruto de Intermed. Financeira</i>	31.524.615	31.134.173	32.835.252	34.736.243	31.981.410	10.421.761	15.476.486	12.529.696
<i>Outras Receitas/Despesas Operacionais</i>	-11.768.682	-14.844.755	-14.545.854	-14.480.968	-12.364.637	-11.123.239	-4.431.014	-6.452.768
<i>Resultado Operacional</i>	19.755.933	16.289.418	18.289.398	20.255.275	19.616.773	-701.478	11.045.472	6.076.928
<i>Resultado não Operacional</i>	36.949	1.241.506	191.390	80.594	430.436	205.782	2.873.321	383.474
<i>Resultado antes IR e Participações</i>	19.792.882	17.530.924	18.480.788	20.335.869	20.047.209	-495.696	13.918.793	6.460.402
<i>IR e Contribuição Social</i>	-3.702.009	-3.223.966	-2.855.428	-5.886.043	-7.421.217	9.420.450	-4.756.443	-1.436.599
<i>Participações nos Lucros</i>	-258.857	-159.026	-191.923	-260.940	-1.695.371	-854.882	-743.657	-669.753
<i>Participação dos Não Controladores</i>	-136.267	-553.992	-812.816	-865.923	-864.013	-266.389	54.911	-45.123
<i>Lucro Líquido</i>	15.695.749	13.593.940	14.620.621	13.322.963	10.066.608	7.803.483	8.473.604	4.308.927

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Como a fusão do Itaú Unibanco se deu em 2008, vários indicadores da Demonstração do Resultado foram impactados no mesmo ano, inclusive o lucro líquido, que sofreu retração no mesmo ano. O lucro líquido voltou a crescer em 2009 seguiu esta tendência até 2012, quando caiu, mas voltou a crescer novamente em 2013. O Resultado Bruto de Intermediação Financeira também retrocedeu em 2008,

mas veio por crescer significativamente em 2009 e se manteve praticamente estável nos anos seguintes. O resultado operacional, por sua vez, chegou a ser negativo em 2008, fato inédito dentre os resultados operacionais da instituição financeira no período de tempo analisado. Mas, a partir de 2009, o indicador deu um salto, com valores sempre muito acima dos dados obtidos apenas pelo Itaú, sem a fusão, portanto.

Os índices de solvência e liquidez seguem na tabela 12:

TABELA 12 – ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013)

Solvência e Liquidez	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Encaixe voluntário	0,39	0,40	0,37	0,40	0,43	0,59	0,16	0,20
Liquidez Imediata	4,09	5,60	4,30	3,75	5,78	5,05	2,22	1,92
Empréstimos/Depósitos	1,85	1,93	2,01	1,96	1,82	1,76	1,48	1,41
Capital de Giro Próprio	-224.990.464	-197.982.025	-157.236.315	-126.162.758	-104.864.292	-106.248.622	-37.982.023	-27.186.065
Participação dos Empr.	0,35	0,33	0,38	0,36	0,36	0,35	0,38	0,38

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Ao se verificar a evolução dos índices de solvência e liquidez do Itaú, percebeu-se, com exceção do item Participação dos Empréstimos, uma abrupta alteração nos índices exatamente no ano de 2008, ano da fusão do banco e da crise econômica, portanto. Após 2008, novamente com a exceção da participação dos empréstimos, os índices oscilaram bastante, mas, ainda assim, todos eles permanecendo largamente acima dos mesmos índices de 2007.

Os Índices de Capital e Risco do Banco Itaú são perceptíveis através da Tabela 13:

TABELA 13 – ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013)

Capital e Risco	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Índice de Basileia	16,6	16,7	16,4	15,4	16,7	16,3	17,9	17,2
Independência Financ.	0,07	0,07	0,08	0,08	0,08	0,07	0,10	0,11
Leverage	13,65	13,67	11,93	12,34	12,00	14,59	10,18	8,90
Capital/Depositantes	0,39	0,42	0,45	0,44	0,42	0,35	0,39	0,42
Imob. Capital Próprio	0,22	0,18	0,17	0,18	0,20	0,24	0,13	0,19
TRL	0,13	0,11	0,14	0,15	0,12	0,11	0,19	0,09
Limite de Expansão	0,00934	0,00827	0,01178	0,01199	0,01001	0,00722	0,01912	0,00999

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

De forma menos acentuada que os índices de solvência e liquidez, os índices de capital e risco também sofreram alteração quando da mudança de estrutura que aconteceu na instituição financeira em 2008. O *leverage* subiu mais de 40% entre 2007 e 2008, numa tendência que já se notava ainda antes da fusão. Tal índice despencou de 2008 para 2009, mas permaneceu com índices bastante superiores ao período anterior a fusão em todos os anos seguintes, não se notando efeitos nem da crise econômica e nem da fusão. A Taxa de Reinvestimento do Lucro, assim como o Limite de Expansão, sofreu uma queda na fusão, mas acabou por praticamente se estabilizar nos anos posteriores, reforçando a teoria de que a instituição não foi afetada pelo cenário internacional desfavorável de 2008. Já o Índice de Basileia sempre se manteve bem acima tanto dos 11% exigidos pelo BACEN, quanto dos 13% determinados pelo Acordo de Basileia III, panorama verificado antes e depois da crise.

Os Índices de Rentabilidade do Banco Itaú Unibanco podem ser verificados através da Tabela 14:

TABELA 14 – ÍNDICES DE RENTABILIDADE DO BANCO ITAÚ (2006 – 2013)

Rentabilidade	2013	2012	2011	2010	2009	2008	2007	2006
Retorno sobre o PL	0,19	0,18	0,20	0,22	0,20	0,18	0,29	0,18
Retorno Invest. Total	0,014	0,013	0,017	0,018	0,017	0,012	0,029	0,021
Margem Líquida	0,17	0,14	0,14	0,17	0,13	0,14	0,26	0,14
Margem Financeira	0,029	0,031	0,039	0,046	0,053	0,016	0,052	0,060
Custo Médio Captação	0,81	0,81	0,75	0,56	0,57	0,48	0,55	0,75
Retorno Médio das Operações de Crédito	0,15	0,18	0,18	0,19	0,21	0,17	0,19	0,23
Lucratividade dos Ativos	0,08	0,10	0,12	0,11	0,13	0,09	0,11	0,14
Juros Passivos	0,06	0,07	0,08	0,06	0,07	0,07	0,06	0,08
Índice de Eficiência	0,13	0,15	0,14	0,18	0,16	0,20	0,14	0,22

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DO BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Vale mencionar que o Banco Itaú Unibanco faz uma distinção, quando se analisam as Despesas com Intermediação Financeira, entre Despesas com Intermediação Financeiras e Resultados de Créditos de Liquidação Duvidosa. Como o Banco do Brasil não usa da mesma classificação, englobando nas Despesas com Intermediação Financeira os Resultados de Créditos de Liquidação Duvidosa, optou-

se por usar, para efeitos de cálculos, a classificação conforme o banco controlado pela União Federal, para fins de harmonização dos cálculos.

Dentre os índices de rentabilidade, é sensível a alteração da margem financeira do banco em 2008. Isto ocorreu porque, tanto o resultado da intermediação financeira do exercício caiu com relação aos dois anos anteriores, quanto os ativos totais do banco cresceram substancialmente, devido à fusão do banco. Mas, a partir de 2009, a margem financeira voltou a crescer, sempre estando acima do nível de 2008.

4.3 COMPARAÇÃO DOS ÍNDICES DE BANCO DO BRASIL X ITAÚ UNIBANCO – ANTES E DEPOIS DA CRISE DE 2008

Faz necessário confrontar os índices de Banco do Brasil e Itaú Unibanco, para que se possa identificar quem passou com mais autoridade pela crise de 2008. Inicia-se a comparação através dos índices de solvência e liquidez dos dois bancos, conforme a tabela 15:

TABELA 15 – ÍNDICES DE SOLVÊNCIA E LIQUIDEZ – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO

Solvência e Liquidez	2009-2013	2006-2008	Solvência e Liquidez	2009-2013	2006-2008
Encaixe voluntário	0,15	0,10	Encaixe voluntário	0,40	0,32
Liquidez Imediata	2,82	1,44	Liquidez Imediata	4,70	3,06
Empréstimos/Depósitos	1,22	0,85	Empréstimos/Depósitos	1,91	1,55
Capital de Giro Próprio	-362.735.202	-149.282.368	Capital de Giro Próprio	-162.247.171	-57.138.903
Participação dos Empr.	0,40	0,38	Participação dos Empr.	0,36	0,37

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DE BANCO DO BRASIL E BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

No encaixe voluntário, quanto maior o valor, melhor será o impacto na solvência da instituição financeira. Logo, os dois bancos apresentaram melhora no período pós-crise, o que não implica efeitos desta, mas os dados do Itaú Unibanco

foram melhores (quase três vezes o índice do Banco do Brasil entre 2009 – 2013). O mesmo ocorre com a liquidez imediata, já que, quanto maior for o incremento deste indicador, mais benéfico será para a liquidez do banco. A liquidez imediata dos dois bancos sofreu substancial aumento, com valor mais favorável para o Itaú Unibanco. Na relação empréstimos/depósitos, um aumento no valor indica menor solvência para o banco. Assim, os índices dos dois bancos aumentaram, porém, como o Itaú Unibanco aumentou mais, em termos de solvência, a relação é favorável ao Banco do Brasil. Já o capital de giro próprio sofreu uma alavancagem com valor negativo para os dois bancos. Na participação dos empréstimos, os resultados dos dois bancos são semelhantes, mas, menor o valor numérico confere maior liquidez à instituição, logo, o Itaú Unibanco apresenta melhor posição. Portanto, no geral dos índices de solvência e liquidez, o Banco do Brasil tem melhor indicador apenas na relação empréstimos/depósitos, enquanto que o Itaú Unibanco é superior nos quatro demais índices.

Na tabela 16, é perceptível a comparação dos índices de capital e risco dos bancos analisados:

TABELA 16 – ÍNDICES DE CAPITAL E RISCO – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO

Capital e Risco	2009-2013	2006-2008	Capital e Risco	2009-2013	2006-2008
Índice de Basileia	14,25	16,01	Índice de Basileia	16,36	17,13
Independência Financ.	0,06	0,07	Independência Financ.	0,08	0,09
Leverage	17,85	15,61	Leverage	12,72	11,22
Capital/Depositantes	0,17	0,14	Capital/Depositantes	0,42	0,39
Imob. Capital Próprio	0,39	0,29	Imob. Capital Próprio	0,19	0,19
TRL	0,14	0,16	TRL	0,13	0,13
Limite de Expansão	0,00763	0,01021	Limite de Expansão	0,01028	0,01211

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DE BANCO DO BRASIL E BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Conforme as exposições dos índices de cada banco já verificadas, tanto Banco do Brasil quanto Itaú Unibanco tiveram o Índice de Basileia verificado maior tanto que o exigido pelo BACEN quanto pelo Acordo de Basileia III, mesmo com tais índices decrescendo na comparação pré e pós-crise de 2008. Porém, o índice do

Itaú Unibanco é superior, o que é mais favorável com relação ao risco. Na independência financeira, houve redução média nos dois bancos, em comparação com o período anterior à crise, conferindo melhor condição ao Banco do Brasil Unibanco. Já o *leverage* dos dois cresceu, sendo o que o indicador do Banco do Brasil é mais favorável, já que, na média, o seu ativo é cerca de 18% maior que o seu Patrimônio Líquido no período pós-crise, contra 13% do Itaú Unibanco. É expressiva a diferença dos dois bancos na relação capital/depositantes. Mesmo a média das duas instituições financeiras sofrendo acréscimo depois da crise, a dependência do capital de terceiros para fazer frente ao ativo circulante do Itaú Unibanco é quase três vezes o do Banco do Brasil, mostrando maior dependência do banco privado. A imobilização de capital próprio do Itaú se manteve a mesma nos dois períodos analisados, sendo menor que o mesmo índice do Banco do Brasil, o que é mais benéfico para o banco privado (já que precisa despender menor recurso do Patrimônio Líquido para cobrir o Ativo Permanente). A taxa de reinvestimento do lucro (TRL) do Itaú Unibanco também se manteve estagnada nos dois períodos, sendo menor que o Banco do Brasil nos dois períodos (mesmo este perdendo 3% entre os dois períodos), mas o índice ainda é favorável ao Banco do Brasil, pois maior do resultado é reinvestido na instituição. O limite de expansão dos bancos decresceu, mas o do Banco do Brasil também é menor, o que segue sendo melhor para o Banco do Brasil. Portanto, percebe-se claramente que os índices de capital e risco são mais favoráveis ao Banco do Brasil.

Os índices de rentabilidade seguem na tabela 17:

TABELA 187 – ÍNDICES DE RENTABILIDADE – BANCO DO BRASIL E ITAÚ UNIBANCO

Rentabilidade	2009-2013	2006-2008	Rentabilidade	2009-2013	2006-2008
Retorno sobre o PL	0,23	0,26	Retorno sobre o PL	0,20	0,22
Retorno Invest. Total	0,013	0,017	Retorno Invest. Total	0,016	0,021
Margem Líquida	0,13	0,14	Margem Líquida	0,15	0,18
Margem Financeira	0,027	0,034	Margem Financeira	0,040	0,043
Custo Médio Captação	0,20	0,20	Custo Médio Captação	0,70	0,59
Retorno Médio Operações Crédito	0,15	0,18	Retorno Médio Operações Crédito	0,18	0,20
Lucratividade dos Ativos	0,10	0,12	Lucratividade dos Ativos	0,11	0,11

Juros Passivos	0,07	0,08	Juros Passivos	0,07	0,07
Índice de Eficiência	0,10	0,11	Índice de Eficiência	0,15	0,19

FONTE: RELATÓRIOS ANUAIS DE BANCO DO BRASIL E BANCO ITAÚ UNIBANCO (2006 - 2013)

Os índices de rentabilidade dos dois bancos, em sua larga maioria, sofreram decréscimos na passagem do primeiro para o segundo período analisados neste estudo. Os índices de retorno sobre o Patrimônio Líquido e menor custo médio de captação foram mais expressivos para o Banco do Brasil, ao passo que, em todos os demais índices de rentabilidade (com exceção dos juros passivos, onde os dados dos dois bancos se igualaram) o Itaú Unibanco apresentou resultado superior.

5 CONCLUSÃO

A grande crise econômica de 2008, desencadeada pela quebra do banco de investimentos americano *Lehman Brothers* em 15 de setembro do mesmo ano desencadeou desconfiança nos mercados financeiros mundo afora, mas parece não ter surtido efeito nos indicadores contábeis dos dois maiores bancos em ativos totais brasileiros, Banco do Brasil e Itaú Unibanco.

O Banco do Brasil continuou a ser o banco múltiplo com mais ativos totais do país, com um crescimento de 440% em relação a 2006. O seu lucro líquido também seguiu numa crescente, com exceção do ano de 2007, avançando em todos os anos posteriores a 2008, minimizando assim eventuais efeitos da crise. Os seus índices de solvência se mostraram consistentes, o Índice de Basileia se mostrou sempre largamente superior ao exigido pelo Banco Central do Brasil e os indicadores de rentabilidade, apesar de terem caído entre o período pré e pós-crise, são favoráveis.

O Banco Itaú Unibanco se consolidou como o segundo maior banco múltiplo em operação no país, em ativos totais, com a fusão entre os bancos Itaú e Unibanco em 2008. Com alguns efeitos da reestruturação internos em 2008, como uma diminuição no resultado operacional e no lucro líquido, os seus índices de solvência e liquidez permaneceram elevados, assim como o Índice de Basileia, e os índices de rentabilidade, assim como os dos Banco do Brasil, também sofreram decréscimo no período entre 2009 e 2013, em comparação com a média de 2006 a 2008, mas são igualmente favoráveis e até maiores que os índices de rentabilidade do Banco do Brasil.

Na comparação direta entre os dois bancos, no que tange ao comportamento dos índices anteriores a crise e posteriores, o Banco do Brasil obteve melhores números nos índices de capital e risco, ao passo que o Banco Itaú Unibanco foi melhor nos índice de solvência e liquidez e nos de rentabilidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. M. B.; FERREIRA JR, R.R.. **O Ciclo Econômico da Teoria Schumpeteriana e as Crises Financeiras.** 2011. Disponível em: <<http://www.sep.org.br/artigos/download?id=1798&title=O+Ciclo+Econômico+da+Teoria+Schumpeteriana+e+as+Crises+Financeiras>>. Acesso em 15 fev. 2015.

ASSAF NETO, Alexandre. **Estrutura e análise de balanços: Um enfoque econômico-financeiro.** 10ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BALANCO, P. A. F. ; PINTO, Eduardo Costa ; MILANI, A. M. . **Crise e globalização no capitalismo contemporâneo: alguns aspectos do debate em torno dos conceitos de Estado-nação, Império e Imperialismo.** In: IX Encontro Nacional de Economia Política, 2004, Uberlândia. Anais do IX Encontro Nacional de Economia Política, 2004. v. CD-ROM.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **BC implanta recomendações de Basileia III.** Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/pt-br/Paginas/banco-central-implanta-recomendacoes-de-basileia-iii-1-3-2013.aspx>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. **50 maiores bancos e o consolidado do Sistema Financeiro Nacional.** Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/fis/TOP50/port/Top50.asp>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

BANCO DO BRASIL. **Demonstrações Contábeis.** Disponível em: <<http://www.bb.com.br/portallbb/page215,136,10363,0,0,1,8.bb?codigoNoticia=18177&codigoMenu=198>>. Acesso em: 20 fev. 2015

BANCO DO BRASIL. **Relações com Investidores.** Disponível em: <<http://www.bb.com.br/portallbb/page1,136,5577,0,0,1,0.bb>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

BATISTA, Henrique Gomes. **Mantega diz que fusão entre Itaú e Unibanco deve dar mais liquidez ao sistema bancário.** Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/economia/mantega-diz-que-fusao-entre-itaunibanco-deve-dar-mais-liquidez-ao-sistema-bancario-3820079>>. Acesso em: 15 fev. 2015.

CONSELHO MONETÁRIO NACIONAL. **Resolução CMN n. 2099**, de 17 de agosto de 2004. Brasília, 2004.

COSTA, Fernando Nogueira da. **Bancos e Crédito no Brasil: 1945-2007.** História e economia, v. 4, p. 249-276, 2008.

DIEESE. **Desempenho dos bancos – 1º semestre de 2014.** Disponível em: <<http://www.dieese.org.br/desempenhodosbancos/2014/desempenhoBancos1Semestre.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2014

GONÇALVES et al. **Comportamento dos dez maiores bancos brasileiros durante a crise do subprime: uma análise por meio de indicadores contábeis.** REPeC, Brasília, v. 6, n. 2, art. 4, p. 170-186, abr./jun. 2012.

HISSA, Carolina Soares. **Crise econômica e acesso ao crédito.** 125f. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Fortaleza. 2012

ITAU. BANCO ITAÚ S.A. **Relatório de sustentabilidade.** Disponível em <<http://www.itaubank.com.br>>. Acesso em: 15 mar. 2015.

LONGARAY, André A.; BEUREN, Ilse M. **Caracterização da pesquisa em Contabilidade.** In: BEUREN, Ilse M. (Org). **Como elaborar trabalhos monográficos em contabilidade: teoria e prática.** 2. Ed. São Paulo: Atlas, 2004. pp. 21-45.

OREIRO, J. L. C. **Origem, Causas e Impacto da Crise.** Valor Econômico, São Paulo, p. A16 - A16, 13/09/2011.

PORTAL DE CONTABILIDADE. **História da Contabilidade.** Disponível em <<http://www.portaldecontabilidade.com.br/tematicas/historia.htm>>. Acesso em 20 nov. 2014.